

Leibniz e as Duas Faces do Labirinto do Contínuo: uma Introdução

RESUMO

É fato bastante conhecido que os conceitos de tempo, espaço e matéria desempenham papel central na filosofia de Leibniz; a forte oposição que ela fez aos mesmos conceitos utilizados na filosofia newtoniana e cartesiana é prova disso. Nesse sentido, pretendemos oferecer uma série de considerações que partem desses conceitos em sua relação com outro conceito fundamental da filosofia leibniziana: o conceito de substância. A partir destas considerações acreditamos poder constituir parte importante, mesmo que a título de introdução, da saída do labirinto do contínuo.

Palavras-chave: Substância; Corpo; Matéria; Tempo; Espaço.

ABSTRACT

It is a fact sufficiently known that the space, time and matter concepts play central role in the Leibniz' philosophy; the strong opposition that it has made to the same concepts used in the Newtonian and Cartesian philosophy is prove of that. In this sense, we intend to offer a series of considerations that leaves from these concepts in its relation with one another fundamental concept of the leibnizian philosophy: the substance concept. From these introductory considerations, we believe to be able to constitute important part of to exit of the labyrinth of the continuous.

Key words: Substance; Body; Mater; Time; Space.

* Doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL-Arapiraca).

Considerações Preliminares

O primeiro motivo que me leva a fazer esta comunicação é o seguinte: minha grande surpresa diante do fato de alguns professores com quem estive trabalhando, começassem, sem uma discussão suficiente de quais os objetivos e os reais problemas ali tratados, a ensinar a filosofia de Leibniz a alunos recém ingressados no curso de Filosofia a partir do texto da *Monadologia*; sem sombra de dúvida, trata-se de um dos textos mais difíceis e mais densos escritos pelo filósofo alemão e sua leitura, como a de muitíssimos outros textos de filosofia, tem de ser feita com suficiente cuidado e profundidade adequada, em uma palavra: a *Monadologia* não é um texto introdutório.

O Segundo motivo é o seguinte: tanto a tentativa de reatar a discussão que deixamos em aberto no final de um artigo publicado sob o título “Leibniz e Tomás de Aquino”: o princípio de individuação, – que em grande medida representa o que havíamos estabelecido em nossa tese de mestrado no capítulo de mesmo nome e que pretende atender a um dos quesitos necessários para a saída do labirinto do contínuo, sendo que seu título talvez ficasse mais bem formulado como “O princípio de individuação das substâncias” ou “Caracterização da substância individual em Leibniz” –, bem como especificar e desenvolver, para o caso da filosofia leibniziana, o que discutimos de forma bastante geral no artigo “Santo Agostinho e Isaac Newton: tempo, espaço e criação” ou na introdução que fizemos à nossa tradução da *Teodicéia*; que reconsideram parte do que havíamos discutido em nosso artigo “Leibniz e Descartes: Labirintos e Análise”. Esses motivos e o que com eles se relaciona permitem a formulação de um programa, ao menos introdutório, para a compreensão adequada das possíveis saídas do labirinto do contínuo formuladas por Leibniz e nesse sentido constituem o centro do que pretendemos com nossa comunicação¹.

Substância e Matéria

Dito isso, certamente é perigoso e temerário tratar do problema do contínuo em uma comunicação de tempo tão reduzido; é plenamente reconhecido que ele envolve questionamentos que Leibniz considerou por praticamente toda sua vida; contudo, acreditamos poder oferecer, de modo compreensível e sem perda de coerência do “sistema” leibniziano, um programa a ser seguido se queremos encontrar a saída para o que acreditamos ser as duas faces do labirinto do contínuo. Primeiramente, então, façamos alguma caracterização dessas duas faces; consideremos a provável saída para a face do labirinto do contínuo que aparece enunciada na *Teodicéia* nos seguintes termos:

Existem dois famosos labirintos onde nossa razão se perde muitas vezes; um diz respeito à grande questão do livre e do necessário, sobretudo quanto à produção e quanto à origem do mal; o outro consiste na discussão da *continuidade* (*continuité*) [ou do *continuum*] e dos *indivisíveis* que constituem seus elementos, e no qual deve entrar a consideração do *infinito*. O primeiro embaraça praticamente todo o gênero humano, o outro influencia somente os filósofos. (LEIBNIZ, 1969, p. 29).

Quanto à idéia de labirinto, além dos textos de Bayle (veja-se: *Teodicéia*, terceira parte, § 352), é claro que a referência mais próxima de Leibniz era o livro do físico e teólogo de orientação jansenista Libertus Fromundus (1587-1653), importante correspondente de Descartes, que tinha por título *Labirinto*, ou sobre a *Composição do contínuo* (*Labyrinthus sive compositione continui*), publicado em 1631 e que tratava das duas faces do segundo labirinto; obra que Leibniz menciona em seus *Novos ensaios* (livro II, cap. XXIII, § 31) e na *Teodicéia* (Discurso da conformidade da fé com a razão, § 24). Além do fato que ambos os temas, o do

¹ Poderíamos citar, ainda, um terceiro motivo que seria o seguinte: o fato que acredito ter encontrado, pelo menos a título de introdução, uma boa maneira de passar em revista os questionamentos e desenvolvimentos formulados em dois trabalhos: primeiro, na tese de doutoramento que foi apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade São Paulo no ano de 2005 sob o título *Leibniz e o labirinto do contínuo*, de autoria de Júlio Couto Filho e, segundo, em um livro – também resultado de uma tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia da Universidade de Sevilla – que tem por título *La ley de continuidad en G. W. Leibniz*, escrito por Manuel Luna Alcoba e publicado em 1996.

livre e do necessário e do contínuo, sempre foram considerados aporéticos, também é verdade que a associação do problema da liberdade ou necessidade ao termo labirinto já havia sido feita por Boécio no livro III de sua *A Consolação da Filosofia* e que Leibniz utiliza esse termo pelo menos desde o *Confessio philosophi (Profissão de fé do filósofo)* de 1673². E, tendo em vista o fato que parte das considerações que Leibniz fará do contínuo tem início com a questão do cone, certamente ele também retoma a *aporia* que deve ter sido formulada por Crisipo contra Demócrito, nos seguintes termos:

Ora vê ainda como, com recursos das ciências físicas e com sucesso, (Crisipo) fez frente a Demócrito deixando-o sem saída: Se um cone fosse cortado junto à base por um plano, o que se deveria pensar sobre a superfície das partes cortadas? Seriam iguais ou desiguais? Sendo desiguais, farão irregular o cone, pois nele haveria muitas incisões em forma de degraus e muitas asperezas. Sendo iguais, as partes cortadas serão iguais e o cone terá a aparência de um cilindro, porque constituído de círculos iguais e não desiguais, coisa que é um absurdo muito grande. (OS PRÉ-SOCRÁTICOS, 1978, p. 333).

A questão se refere a uma provável descontinuidade da sobreposição de superfícies que permitiam calcular o volume de um cone; somada à questão da descontinuidade de mudança de estado entre a vida e a morte ou do movimento, estas parecem constituir o ponto de partida de parte dos labirínticos problemas do contínuo para Leibniz (ALCOBA, p. 61-8). Quanto à também longa história do segundo labirinto, basta pensarmos nas várias conside-

rações que os conceitos de ponto, linha, reta e sólido enunciados nos *Elementos* de Euclides sofreram durante toda a História do Ocidente, o que inclui determinantemente a crítica leibniziana aos conceitos de infinitésimo e de espaço absoluto newtoniano e a apropriação, por parte do filósofo alemão, do conceito de ponto como parte da compreensão adequada do conceito de mônada.³ De qualquer maneira, acreditamos que foi para não perder a racionalidade das ciências, nem se perder seja no labirinto do livre e do necessário seja no do contínuo, que Leibniz teve de construir toda sua Dinâmica a partir das idéias de tempo e espaço relacionais e matéria descontínua, em franca oposição aos fundamentos da Mecânica newtoniana; isto é, em franca oposição ao tempo e espaço absolutos de Newton ou sua defesa da existência dos átomos e do vazio, bem como ao conceito cartesiano de extensão e matéria e a noção escolástica de substância e acidente.⁴

Aquela passagem da *Teodicéia* é a que se costuma mencionar para iniciar a elaboração da problemática ligada ao labirinto do livre e do necessário e ao labirinto do contínuo na filosofia de Leibniz.⁵ Além de Leibniz retomar grande parte das questões que já vinha problematizando desde a *Profissão de fé do filósofo* e que diz respeito ao labirinto do livre e do necessário; em suma, ao menos aparentemente, a *Teodicéia* não oferece a saída para o labirinto do contínuo, talvez por não tratar de maneira suficiente dos conceitos de matéria e de substância.⁶ De um modo ou de outro, diante do trabalho que nos propomos, a pergunta que temos de nos fazer agora é a seguinte: será que podemos considerar a *Monadologia* como a obra que elabora a saída do labirinto do contínuo?

Apesar de em nenhum momento da *Monadologia* Leibniz dizer isso, a resposta

² Nessa obra Leibniz já menciona que se trata de questão associada a um labirinto (*labyrinthus irremediabilis*); veja-se p. 50 e 51 da tradução feita por Yvon Belaval.

³ Sobre isso vale a pena conferir os artigos de Fichant que saíram na revista *Analytica* nos anos 2000 e 2006, especialmente as p. 27-36 do segundo que discute a relação entre os conceitos de ponto, número (enquanto unidade), átomo e mônada.

⁴ Seja como for, existe uma lista de nomes dos autores que parecem ter influenciado mais determinantemente a formulação do problema do contínuo para Leibniz, a qual está feita no livro *La ley de continuidad en G. W. Leibniz*, p. 62, 63; ela se baseia na leitura dos textos inéditos de Leibniz depositados na Biblioteca Real de Hanôver; vale lembrar, contra o que muitos intérpretes da filosofia leibniziana pensaram, que o nome de Pascal não figura nessa lista.

⁵ É também dessa passagem que Couto Filho lança mão no início de sua tese, na p. 23, seção 1.2.2, e que nós também citamos em muitos dos textos que elaboramos sobre a filosofia leibniziana. Trata-se da questão objeto de nossa tese de doutorado que tem por título: "Realidade do ideal e substancialidade do mundo em Leibniz: percorrendo e sobrevoando o labirinto do contínuo".

⁶ Nesse caso, seria bom perguntar: será que isso é verdade? Não acreditamos que isso seja inteiramente verdade, basta ver os parágrafos da *Teodicéia* que Leibniz cita durante toda a *Monadologia* e nas cartas que endereça a Samuel Clarke; bem como, também as cartas que Leibniz escreve à princesa Sofia especialmente a de 31/10/1705.

afirmativa a esta questão constitui em grande medida a tese defendida por Júlio Couto Filho, o que está suficientemente explicitado nas p. 25 e 26 da seção 1.2.2 de sua tese; já o espanhol Manuel Luna Alcoba pensa que essa saída só poderia ser elaborada a partir de um estudo sistemático dos textos inéditos de Leibniz que se encontravam na Real Biblioteca de Hanôver, textos que permitiriam a compreensão das várias formulações que a “lei de continuidade” assumiu durante o desenvolvimento da filosofia leibniziana e que contribuiriam determinante para a elaboração daquela saída. No nosso entender, ambos deveriam ter começado suas pesquisas se perguntando: a qual face do labirinto do contínuo a formulação feita na *Teodiceia* diz respeito? Para respondê-lo, temos de nos deter um pouco na afirmação que Leibniz faz logo em seguida à sua formulação dos dois labirintos, a saber:

Talvez eu tenha uma outra oportunidade para me explicar sobre o segundo [o da continuidade], e de fazer observar que na falta de conceber mais adequadamente **a natureza da substância e da matéria**, assumiu-se falsas opiniões que levam a dificuldades intransponíveis, cujo verdadeiro uso deveria ser o contrário destas mesmas opiniões. (LEIBNIZ, 1969, p. 29-30, grifo nosso).

Ou seja, a saída para a face do labirinto do contínuo formulada na *Teodiceia*, que diz respeito à discussão da *continuidade* ou do *contínuo*, dos *indivisíveis* que constituem seus elementos e no qual deve entrar a consideração do *infinito*, só pode ser alcançada se as naturezas da substância e da matéria forem caracterizadas adequadamente; eis uma das faces do labirinto do contínuo. E Leibniz deixa claro que a verdadeira compreensão dos conceitos de substância e matéria chega a ser o contrário do que se defendia até então. Nesse

sentido, podemos adiantar que ela diz respeito ao labirinto da composição do contínuo (*compositione continui*), basta conferir o que Leibniz afirma no § 24 do Discurso sobre a conformidade da fé com a razão, da *Teodiceia*, e na carta de 09/10/1687 endereçada a Arnauld. Assim, aquela pergunta assume a seguinte forma: será que podemos considerar a *Monadologia* como a obra onde a natureza da matéria e da substância são apresentadas de maneira a fornecer a adequada saída para o labirinto da composição do contínuo? Dito de outra forma: será que a *Monadologia* fornece uma consideração adequada e suficiente do *infinito* e dos *indivisíveis* que poderiam vir a constituir os elementos do contínuo ou da continuidade, a ponto de oferecer uma caracterização da matéria e da substância que forneça a saída para a face do labirinto do contínuo formulada na *Teodiceia*? Acreditamos que em grande medida sim e, como muito bem percebeu Couto Filho, apesar de Leibniz não dizer explicitamente que estava elaborando a saída para essa face do labirinto do contínuo, a *Monadologia* deve ser considerada como a obra onde ele elabora, mesmo que de maneira bastante concisa e de difícil compreensão (o que, por isso, exige algumas explicitações extraídas de outros textos), sua filosofia da substância e da matéria, isto é, sua doutrina das unidades não-materiais e indivisíveis ou dos verdadeiros elementos – solução da questão dos elementos últimos que constituem o descontínuo material, ou a descontinuidade material – e dos corpos vivos, ou melhor, animados – o que se relaciona com o infinito que diz respeito à divisão atual da matéria descontínua.

Tempo, Espaço e Corpo

É claro que concordamos com parte do que afirma Luiz Henrique Lopes dos Santos⁷, especialmente quanto ao fato que é o conceito de “substância individual” que se mantém operante

⁷ Quanto ao fato do conceito de substância oferecer a saída para essa face do labirinto do contínuo, sem dúvida é também essa a tese defendida por Luiz Henrique Lopes dos Santos em seu artigo *Anotações sobre Leibniz, o estoicismo, substâncias e labirintos*, no qual é afirmado o seguinte: “O problema do contínuo pode ser formulado da seguinte maneira: a realidade de um agregado [como um corpo] é emprestada da realidade de suas partes; se algo tem realidade, mas não tem realidade por si, então empresta sua realidade, em última instância, de algo que tem realidade por si; no entanto, toda parte de um agregado contínuo é divisível em partes; logo, um agregado contínuo não pode emprestar sua realidade de nenhuma de suas partes, pois nenhuma delas tem realidade por si. [...] É evidente que esse argumento só pode ser considerado como a formulação de um problema sob o pressuposto de que haja agregados contínuos que sejam, em sentido metafisicamente estrito, agregados reais. É precisamente esse pressuposto que o conceito leibniziano de **substância individual** permite afastar, de modo que o que parecia ser a formulação de um problema passa a operar

na filosofia de Leibniz posterior a 1686, mas isso também tem a ver com a nossa aceitação de parte da tese de Couto Filho; contudo, além do fato que seria preciso oferecer mais esclarecimentos quanto à relação entre a noção de corpo e de matéria na filosofia leibniziana, gostaríamos de chamar atenção para mais outra saída que Leibniz sugere para o mesmo labirinto e que desloca um pouco a questão; em carta àquele que fará a tradução da *Teodicéia* para o latim, o jesuíta des Bosses⁸, data de 31/07/1709, Leibniz afirmava: “Nas coisas atuais os simples são anteriores aos agregados, mas nas coisas ideais o todo é anterior à parte. Quem negligencia essa observação engendra o labirinto do contínuo (*labyrinthe du continu*)”. (FRÉMONT, 1999, p. 162 ou Leibniz, 2004, p. 547). Eis a outra face do labirinto do contínuo.

Nos parece que Lopes dos Santos simplifica demais as coisas; ou seja, o labirinto do contínuo, os embaraços ligados ao contínuo ou à continuidade também surgem em grande medida porque não se faz a distinção adequada entre o atual e o ideal; ou seja, o perder-se no labirinto da composição do contínuo também se refere a uma má interpretação do que é ideal e, diríamos, não deveria ser “substanciado” e o que de fato é atual e está substanciado. Diante do que dissemos acima, diríamos que a matéria contínua não pode ser substanciada, isto é, ela não é atual; o que pode ser substanciado são os corpos, o que significa o mesmo que dizer que os corpos de fato *unum per se* (LEIBNIZ, 1984 [Novos ensaios, livro III, cap. VI, § 24], p. 250) são animados, sendo as almas que os animam, as enteléquias ou mônadas, as suas formas

substanciais e os verdadeiros ou, de fato, últimos elementos das coisas.

Aquela advertência constitui um dos motivos de termos de chamar atenção para o fato de somente uma caracterização adequada dos conceitos de substância originária ou individual independentemente do tempo, do espaço e da matéria (ou massa) de um universo efetivado, isto é, independentes de um princípio de individuação *solo numero*, é capaz de oferecer parte da saída para essa outra face do labirinto do contínuo; ou seja, é preciso tentar primeiramente reconstituir o conceito de substância individual a partir do simples ideal, a partir do ambiente das possibilidades⁹; e em segundo lugar tentar compreender como o conceito de substância originária empresta realidade apenas ideal ao tempo, espaço ou matéria contínua, uma realidade presa ao intelecto divino, que, contra o espaço e tempo absolutos de Newton ou a *res extensa* cartesiana, não pode ser atualizada, não será substancializada.¹⁰

Se assumirmos o que Leibniz afirma na carta ao jesuíta des Bosses, especialmente a *Teodicéia* passa sim a desempenhar um papel considerável para a compreensão dos princípios em torno dos quais gira parte da problemática do contínuo; além das várias vezes que ele a cita na *Monadologia*, ele também o faz nas Cartas que endereça a Clarke, onde a recusa da caracterização newtoniana do tempo e do espaço, assim como a defesa que Clarke fazia da filosofia newtoniana dos átomos e do vazio, é elaborada com suficiente detalhe. Em seus termos mais gerais, também podemos dizer que é em parte

como a premissa de sua dissolução. (LOPES DOS SANTOS, 1999, p. 397, grifo nosso). Pensada a partir dessa afirmação, o que a *Monadologia* deveria mostrar é que o conceito de **substância individual** formulado ali dissolve a idéia de agregados contínuos, especialmente porque estabelece a não-realidade da continuidade desses agregados ou a não-atualidade de uma matéria contínua, algo que lembrasse a *res extensa* cartesiana; dito de outra maneira, por estabelecer a não realidade dos agregados independentemente da realidade dos elementos que os constituem – os átomos formais, enteléquias primitivas ou Mônadas nuas –. Isso estabelece os §§ 1-3 daquela obra, acompanhados do que estabelece seus §§ 63-71. E aqui ficamos com Lopes dos Santos e recusamos as teses de Fichant desenvolvidas em seus dois artigos publicados na revista de filosofia *Analítica*, anos 2000 e 2006. Seja como for, seria necessário mostrar como se relacionam os conceitos de substância individual e átomo formal, ou forma substancial, enteléquia primitiva e mônada nua; bem como tratar da relação entre os conceitos de corpo, agregado (ou composto) e matéria na filosofia leibniziana.

⁸ Segundo Manuel Lima Alcoba (ALCOBA, 1996, [nota 18] p. 70), essa mesma advertência é repetida em carta a de Volder (de 19/01/1706), carta citada – e mal interpretada – por Fichant em seu artigo de 2006, e Remond (de 14/03/1714), na verdade ela retoma o que Leibniz já havia dito em uma carta a Arnauld 9/10/1687.

⁹ É isso que acreditamos ter feito em nosso artigo “Leibniz e Tomás de Aquino: o *princípio de individuação*” e no capítulo de mesmo nome de nossa tese de mestrado. Apesar de não explicar suficientemente a afirmação que Leibniz faz nesta carta, a tese de Couto Filho faz uma série de considerações que vai no sentido da valorização daquela diferenciação; veja-se, por exemplo, p. 9, 10, 56, 57, 89, 95 e especialmente a seção 10.2 de sua tese, que tem por título: “O real e o ideal”.

¹⁰ É em parte isso que acreditamos ter esclarecido em nosso artigo: “Santo Agostinho e Isaac Newton: *tempo, espaço e criação*” e na introdução que fizemos à nossa tradução da *Teodicéia*, que se encontra no prelo.

esse o sentido da crítica que Leibniz endereça a Boécio, que é feita do seguinte modo:

Eu sei que você [Lorenzo] pode me dar estas asas, como outro Dédalo, para sair da prisão da ignorância e para me elevar à região da verdade, que é a terra natal das almas. Os livros que eu já vi não me satisfazem em nada, nem mesmo o [do] célebre Boécio, que tem a aprovação geral. Eu não sei se ele próprio compreendeu bem o que disse sobre o entendimento de Deus e sobre a eternidade superior ao tempo. (LEIBNIZ, 1969, p. 355).

Ora, o que Boécio não compreendeu ou não soube explicar foi, dentre outras coisas, a natureza do entendimento divino e quais as conseqüência de ele ter de ser considerado da ordem do eterno, por isso não teria fornecido a saída dos labirintos: não teria conseguido constituir as asas de Dédalo.¹¹

Acreditamos que para tornar o sistema leibniziano coerente é necessário que o Deus que ele estabelece tenha considerado de alguma maneira “corpos” quando da criação do Universo; em nossa opinião, é isso que afirma os *Novos ensaios* (LEIBNIZ, 1984 [livro II, cap. XXI, § 13], p. 129) da seguinte maneira: “E visto que os corpos (*les corps*) por eles mesmos (*mêmes*) não escolhem (foi Deus quem escolheu em lugar deles).” O que, em grande medida, é repetido por Leibniz na quinta carta que escreveu para Clarke: “Deus não produz duas porções de matéria perfeitamente iguais e semelhantes.” (LEIBNIZ, 1983 [§ 21], p. 196). E que também já havia dito para a princesa Sofia do seguinte modo: “A fim de melhor conceber a divisão atual da matéria ao infinito [...] é preciso considerar que Deus já produziu aí tanta ordem (*ordre*) e variedade (*variété*) que era possível de ser introduzida e que, portanto, nada restou

aí de indeterminado (*indéterminé*)” (LEIBNIZ, 2004, p. 358).

Ou seja, independentemente da divisão atual da matéria ao infinito, as razões de escolha deste universo (atendendo ao princípio de razão suficiente) param nos corpos, nas porções discerníveis ou determinadas de matéria; Deus escolhe entre idéias possíveis de corpos e não de uma matéria que é *res extensa* de unidades (volumes) indiscerníveis, ou de átomos materiais indivisíveis e vazios. Em uma palavra: as *homeomerias* de Leibniz são os corpos.¹²

Em termos de programa, apesar de a *Teodicéia* contribuir em muito para a elaboração dessa saída em particular, acreditamos que sua compreensão mais imediata se faz a partir da explicitação da ligação que se pode estabelecer entre as cartas de Leibniz à princesa Sofia de 31/10/1705, ao jesuíta des Bosses de 31/07/1709 (as quais mais acima citamos partes) e a carta de 11/09/1716 endereçada ao matemático Dancicourt.¹³ A seguinte afirmação feita em uma delas (à princesa Sofia) é prova disso:

A Massa dos corpos está dividida atualmente de uma maneira determinada [é matéria substanciada, se resolve em corpos], e nada aí é exatamente contínuo (*continué*); mas o espaço [e o tempo] ou a continuidade perfeita (*la continuité parfaite*) que está **na idéia** (*dans l'idée*) não assinala senão uma possibilidade indeterminada de dividir como se vai querer. Na matéria e nas realidades atuais, o todo é um resultado das partes: mas nas idéias ou nos possíveis (que compreendem não somente este universo, mas ainda qualquer outro que pode ser concebido, e que o entendimento divino se apresenta efetivamente), o todo indeterminado é anterior às divisões [isto é, às partes],

¹¹ Acreditamos que Couto Filho e parte dos autores que ele acredita apoiarem ou mesmo rejeitarem sua hipótese interpretativa também não compreenderam a mesma coisa, principalmente Manuel Luna Alcoba; talvez não tenham compreendido qual é a natureza da região das verdades eternas, dos possíveis, a terra natal das almas, das “formas” ou “noções” e, por conseqüência, o que há de ideal no conceito de tempo, espaço e matéria contínua. Isso também quer dizer que talvez não tenham compreendido o que há de real no ideal, de ideal na possibilidade, qual a essência dos indivíduos possíveis, isto é, de um universo possível e parte da essência do intelecto divino, e, conseqüentemente, qual é a verdadeira natureza do existente o que, especialmente no caso da tese de Couto Filho, acabou por esvaziar de substancialidade aquilo que antes tem que ser possível e ser escolhido a partir de uma caracterização adequada da substância originária: os corpos. A má compreensão deste ponto também parece ter “imobilizado” des Bosses na carta que já indicamos.

¹² Acreditamos que essa é a melhor maneira de compreender o que Leibniz afirma nos §§ 63-71 da *Monadologia*; sendo que a menção aos autores antigos feita em seu § 65 deve estar se referindo principalmente ao pré-socrático Anaxágoras.

¹³ Recentemente essas cartas foram traduzidas por Juliana Cecci Silva e esperam para ser publicadas.

como a noção do inteiro é mais simples que a das frações e a precede.” (LEIBNIZ, 2004, p. 357, grifo nosso).

Ou seja, no que se refere ao atual, as mônadas (as unidades indivisíveis ou elementos das coisas) vêm antes dos agregados (dos corpos que estão atualmente divididos de forma determinada ao infinito); mas, na matéria contínua, no espaço e no tempo que são apenas ideais (nos todos indeterminados que têm sua realidade somente no intelecto divino), o todo é anterior às partes. Isto quer dizer que, embora essa face do labirinto do contínuo tenha encontrado uma formulação exemplar na carta a des Bosses, a sua saída está mais adequadamente formulada na carta à princesa Sofia de 31/10/1705, acompanhada de outras considerações feitas nas cartas a Dancicourt e a Clarke.¹⁴ Assim, é também na carta à princesa Sofia que Leibniz afirma parte do que repetirá muitas vezes a Clarke quanto à idealidade ou não-substancialidade do tempo e espaço; a saber:

Vê-se bem que o Tempo não é uma substância, já que uma hora, ou alguma outra parte do tempo que toma jamais existe inteira e em todas suas partes ao mesmo tempo. Isso é apenas um princípio de relações, um fundamento da ordem nas coisas, desde que se conceba sua existência sucessiva ou sem que elas existam ao mesmo tempo. O mesmo deve ocorrer com o espaço. É o fundamento da relação da ordem das coisas, mas desde que se conceba existirem ao mesmo tempo. Ambos fundamentos são verdadeiros, ainda que sejam ideais. A continuidade uniformemente regradada (*La continuité uniformément réglée*), ainda que seja apenas suposição e abstração, faz a base das verdades eternas e das ciências necessárias [da Matemática, por

exemplo]: ela é o objeto do entendimento divino, como o são todas as verdades, e seus raios se propagam também sobre o nosso. (2004, p. 360).¹⁵

Agora, escreve contra Newton ou todo aquele que confunda parte da geometria euclidiana ou a idéia aritmética de unidade com o espaço físico pleno de corpos e de mônadas; o tempo e espaço, independentemente das coisas, não são realidades para além do intelecto divino e como a geometria e a aritmética são ciências que os homens podem alcançar, as razões abstratas que dizem respeito ao modo como aquelas realidades devem ser compreendidas podem ser conhecidas: *os raios do intelecto divino se propagam sobre o nosso*. A crítica mais geral que Leibniz faz àquelas filosofias que se perdem nessa parte do labirinto pode ser pensada a partir da seguinte afirmação:

São imaginações dos filósofos de noções incompletas, que fazem do espaço uma realidade absoluta [bem como do tempo uma realidade absoluta e da matéria uma realidade contínua]. Os simples matemáticos, que só se ocupam com coisas imaginárias, são capazes de forjar tais noções, destruídas, entretanto, pelas razões superiores. (LEIBNIZ, 1983 [quinta carta a Clarke, § 29], p. 198).

Quais seriam essas razões superiores? As razões abstratas, associadas à lógica, aritmética e geometria e as razões de escolha de um universo inteiro e totalmente determinado, isto é, a atenção ao princípio de razão suficiente e da escolha do melhor. A saída para essa face do labirinto exige a compreensão de sua doutrina do espaço e tempo como relação ou apenas como ideais não atuais, bem como da matéria atual descontínua ou contínua apenas idealmente.

¹⁴ Isso explica porque a nota 5, da p. 163, feita por Christiane Frémont em seu excelente livro *L'être et la relation: lettres de Leibniz à Des Bosses* não é suficientemente esclarecedora; para uma elaboração mais adequada ela teria de sair daquela correspondência.

¹⁵ Como Leibniz também afirma na Carta a Dancicourt: “sou da opinião que, falando exatamente, não existe qualquer substância extensa (*res extensa*). É por isso que chamo a matéria de *non substantiam sed substantiatam*. [...] No entanto, eu não digo de modo algum que o *continuum* seja composto de pontos geométricos [eles são extremidades, não são como os átomos de Newton], pois a matéria não é absolutamente o *continuum* e a extensão contínua é apenas uma coisa ideal, consistindo em possibilidades que de modo algum nela tem partes atuais.” (LEIBNIZ, 2004, p. 378-9). A mesma idéia está afirmada nos *Novos ensaios* da seguinte maneira: “desta forma, ele [o espaço] não é mais uma substância do que o tempo e se tem partes não pode ser Deus. **É uma relação, uma ordem não só entre os seres existentes, mas também entre os possíveis como se existissem** (*C'est un rapport, un ordre, non seulement entre les existants, mais encore entre les possibles comme s'ils existaient*). Todavia, sua verdade e realidade estão fundadas em Deus, como todas as verdades eternas.” (LEIBNIZ, 1984 [livro II, cap. XIII, § 17], p. 100, grifo nosso).

Considerações Finais

Diante do que temos dito até aqui e quanto a uma das faces do labirinto do contínuo, podemos esboçar os seguintes pontos: primeiro, parte da saída leibniziana para o labirinto do contínuo se faz a partir da crítica à noção cartesiana de *res extensa*, ou seja, o problema da composição da continuidade atual não deve ser pensado a partir do conceito de extensão entendida como substância; em uma palavra: a extensão não é uma substância e o que existe efetivamente é uma infinidade de corpos que se resolvem em corpos ao infinito; segundo, parte da saída se faz a partir da crítica da opinião de Newton, via Clarke, que existem partículas materiais indivisíveis (os átomos de Leucipo, Demócrito ou Epicuro) e o vazio, pois o que existe é o pleno material, de uma infinidade de corpos e os últimos elementos da realidade são as Mônadas imateriais ou espirituais; terceiro, a consequência, contra Espinosa e as noções cartesianas de *res cogitans* que habitariam somente os corpos dos homens e newtoniana de espaço e tempo absolutos, é que existe atualmente uma infinidade de substâncias e poderíamos considerar as opiniões de Descartes e de Newton como espinosismos moderados, dado a sua defesa da existência de um número bastante reduzido de substâncias. Dito desse modo, a filosofia leibniziana pode ser definida como a afirmação da existência atual de uma infinidade de substâncias imateriais sempre associadas a corpos, que se resolvem em corpos ao infinito. Em nossa opinião, com poucas digressões e esclarecimentos a *Monadologia* é sim suficiente para a elaboração das etapas da saída dessa face do labirinto da composição contínuo.

Todavia, retomando o que dizíamos mais acima, também é preciso tecer a seguinte consideração: parte da saída leibniziana para o labirinto do contínuo se faz a partir da crítica da “substancialização” do espaço, do tempo e da matéria, entendida como extensão. O pano de fundo dessa confusão se relaciona com uma má compreensão da relação correta que deve existir entre as razões abstratas, associadas à Lógica

e à Matemática, e o vir a ser do universo dos corpos, associado à Física ou Dinâmica; para esse último caso, a resposta é que a matéria contínua (como a *res extensa* de Descartes), assim como o espaço homogêneo e o tempo que flui uniformemente (como o *tempus absolutum* e *spatium absolutum* de Newton) são apenas ideais e sua realidade não reside em outro lugar a não ser no intelecto divino; para esse último caso, tendo como fundamento a importante afirmação feita na *Teodicéia*¹⁶ que Deus cria a matéria, o tempo e o espaço, e que deve ser compreendida como a criação dos corpos (matéria determinada, discreta ou descontínua), de determinadas ordens de coexistência de coisas (espaço “dessubstancializado”) e de determinada ordem de sucessão dessas ordens de coisas (tempo “dessubstancializado”), não sendo necessário atribuir substância à matéria contínua, ao espaço homogêneo ou ao tempo que flui uniforme. É esse o principal sentido da afirmação que Leibniz faz a des Bosses e que desloca consideravelmente a formulação da face do labirinto do contínuo que é feita na *Teodicéia*; em nossa opinião, o fio de Ariadne ou as asas de Dédalo para essa face do labirinto do contínuo estão muito bem elaborados nas cartas que indicamos acima.

Por fim, é claro que a compreensão adequada do que apenas esboçamos aqui exigiria uma série bastante longa de considerações, contudo, queríamos somente oferecer um programa de trabalho e diríamos que sem recorrer à grande parte dos textos que Alcoba enumera, uma leitura adequada daquelas cartas que Leibniz endereçara à princesa Sofia, a des Bosses e Dangicourt, mais as que ele endereçara a Clarke, são suficientes para compreender as etapas necessárias para a saída dessa segunda face do labirinto do contínuo.

Referências Bibliográficas

ALCOBA, M. L. 1996. *La ley de continuidad en G. W. LEIBNIZ*. Espanha: Universidade de Salamanca, 252 P.

¹⁶ “Deus é a razão primeira das coisas: pois aquelas que são limitadas, como tudo aquilo que vemos e experimentamos, são contingentes e não têm nada nelas que torna a sua existência necessária, sendo manifesto que o tempo, o espaço e a matéria, unidos e uniformes neles mesmos e indiferentes a tudo, **podiam receber totalmente outros movimentos e formas, e em uma outra ordem.**” (LEIBNIZ, 1969, p. 107, grifo nosso).

COUTO FILHO, J. 2005. *Leibniz e o labirinto do contínuo*. São Paulo Tese de doutorado. Universidade de São Paulo – USP, 502 P.

FRÉMONT, C. 1999. *L'êtr e la relation* (com 35 cartas de Leibniz a des Bosses). Paris: Vrin, 272 P.

LEIBNIZ, G. W. *Discurso de métaphysique suivi de Monadologia et autres textes*. Edição estabelecida, apresentada e com notas de Michel Fichant. França: Edições Gallimard, 2004, 563 P.

_____. *Confessio Philosophi (La profession de foi du philosophe)*. Texto, tradução e notas de Yvon Beval. Paris: J. Vrin, 1993, 143 P.

_____. *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1984, 437 P. (Col. Os pensadores).

_____. *Discurso de metafísica, Monadologia e Correspondência com Clarke*. Trad. Marilena Chauí e Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: Abril Cultural, 1983, 237 P. (Col. Os pensadores).

_____. *Essais de Théodicée*. Cronologia e introd. por J. Brunschwig. Paris: Flammarion, 1969, 505 P.

LOPES DOS SANTOS, L. H. . Anotações sobre Leibniz, o Estoicismo, Substância e Labirintos. In: *Verdade, Conhecimento e Ação*. São Paulo: Loyola: 1999, p. 389-399.

PIAÚÍ, W. S. Santo Agostinho e Isaac Newton: tempo, espaço e criação. *Theoria* (no prelo), 2009. n. 2.

_____. Leibniz e Tomás de Aquino: o princípio de individuação. *Ágora Filosófica* ano 6, n. 1., p. 117-123.

_____. Leibniz e Descartes: Labirintos e Análise. *Cadernos Espinosanos*, n. 11. p. 123-169.

_____. *Espécies individuais e princípio de individuação na filosofia de LEIBNIZ*. São Paulo, SP. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo – USP, 260 P.